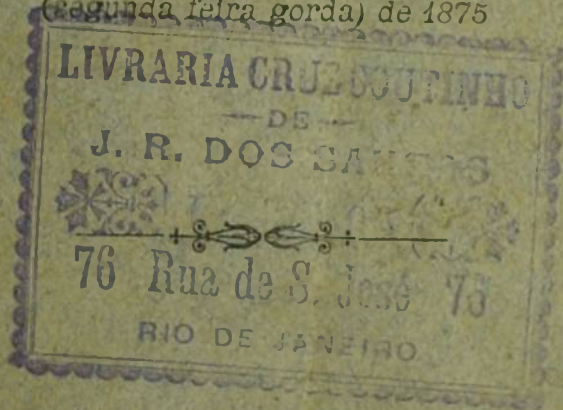


SOUSA E VASCONCELLOS

INGLEZ E FRANCEZ

COMEDIA ORIGINAL EM 1 ACTO

Representada pela primeira vez no theatro,
do Gymnasio de Lisboa em a noite de 8 de fevereiro
(segunda feira gorda) de 1875

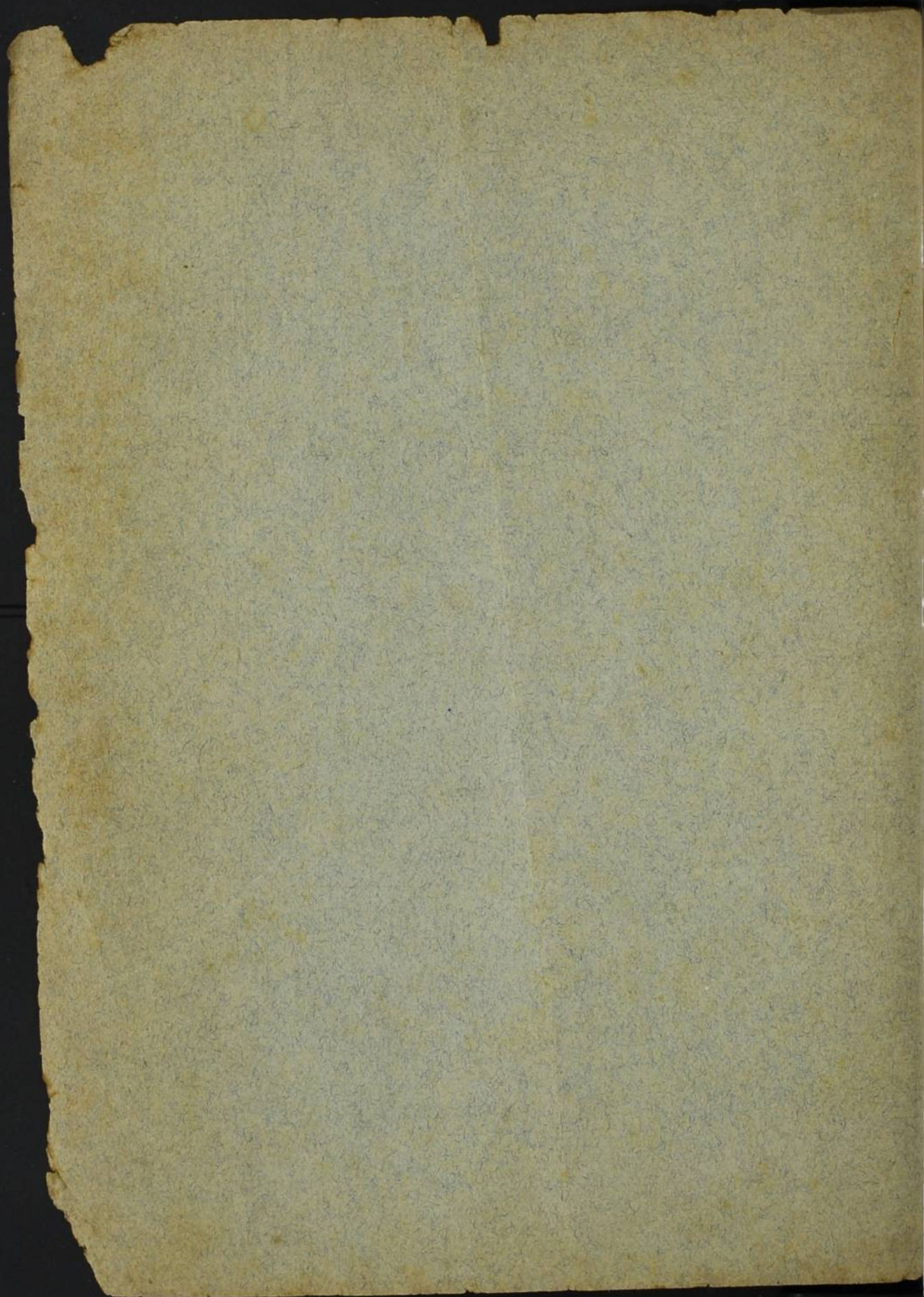


LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5 — Largo do Camões — 6

1887





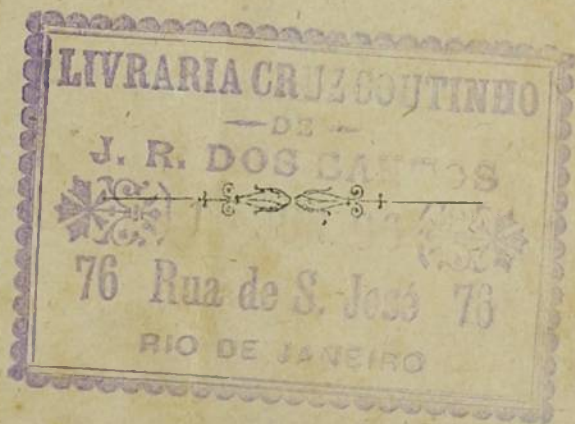
SOUSA E VASCONCELLOS

— 3 —

INGLEZ E FRANCEZ

COMEDIA EM 1 ACTO, ORIGINAL

Representada pela primeira vez no theatro
do Gymnasio de Lisboa em a noite de 8 de fevereiro
(segunda feira gorda) de 1875

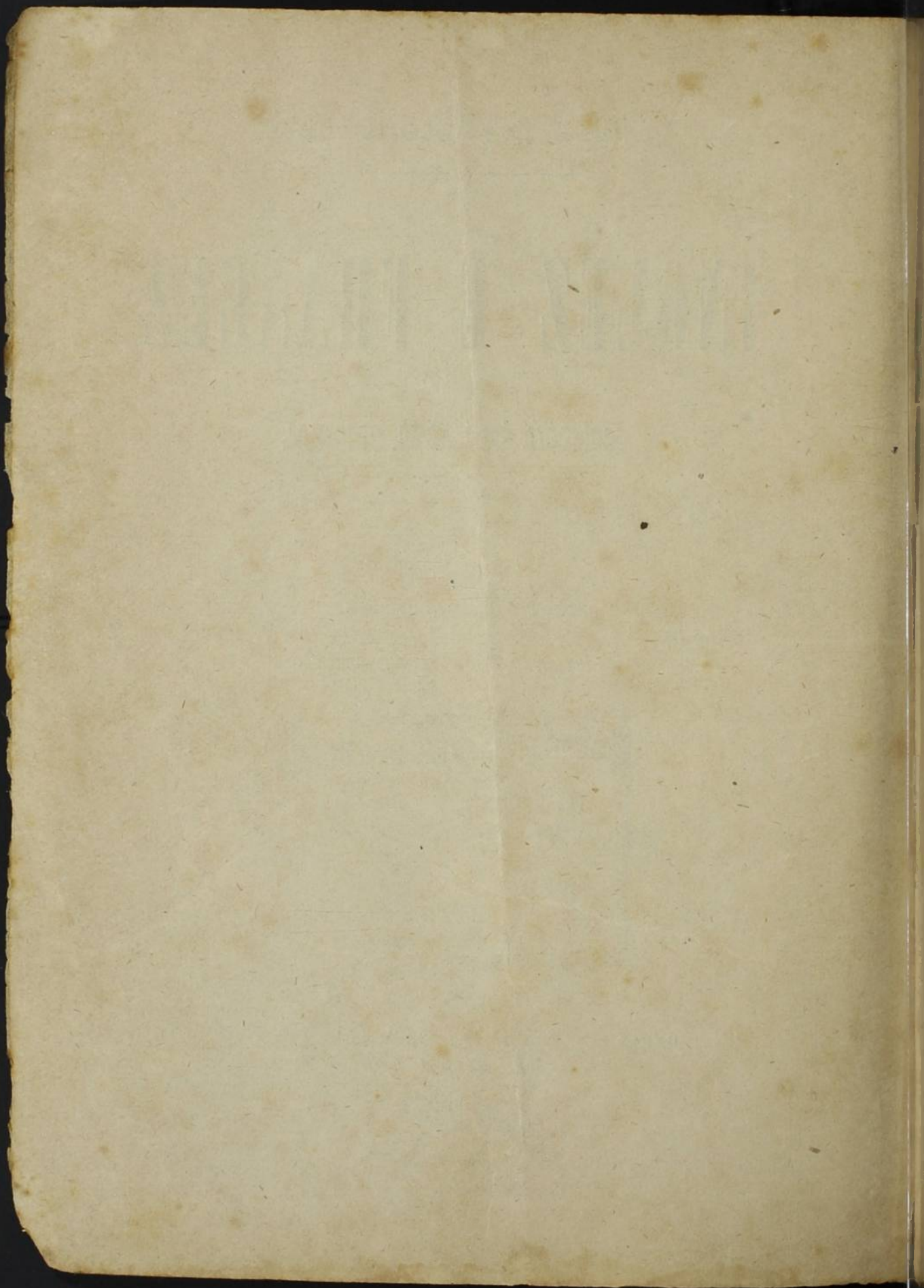


LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE TAVARES CARDOSO & IRMÃO

5 — Largo do Camões — 5

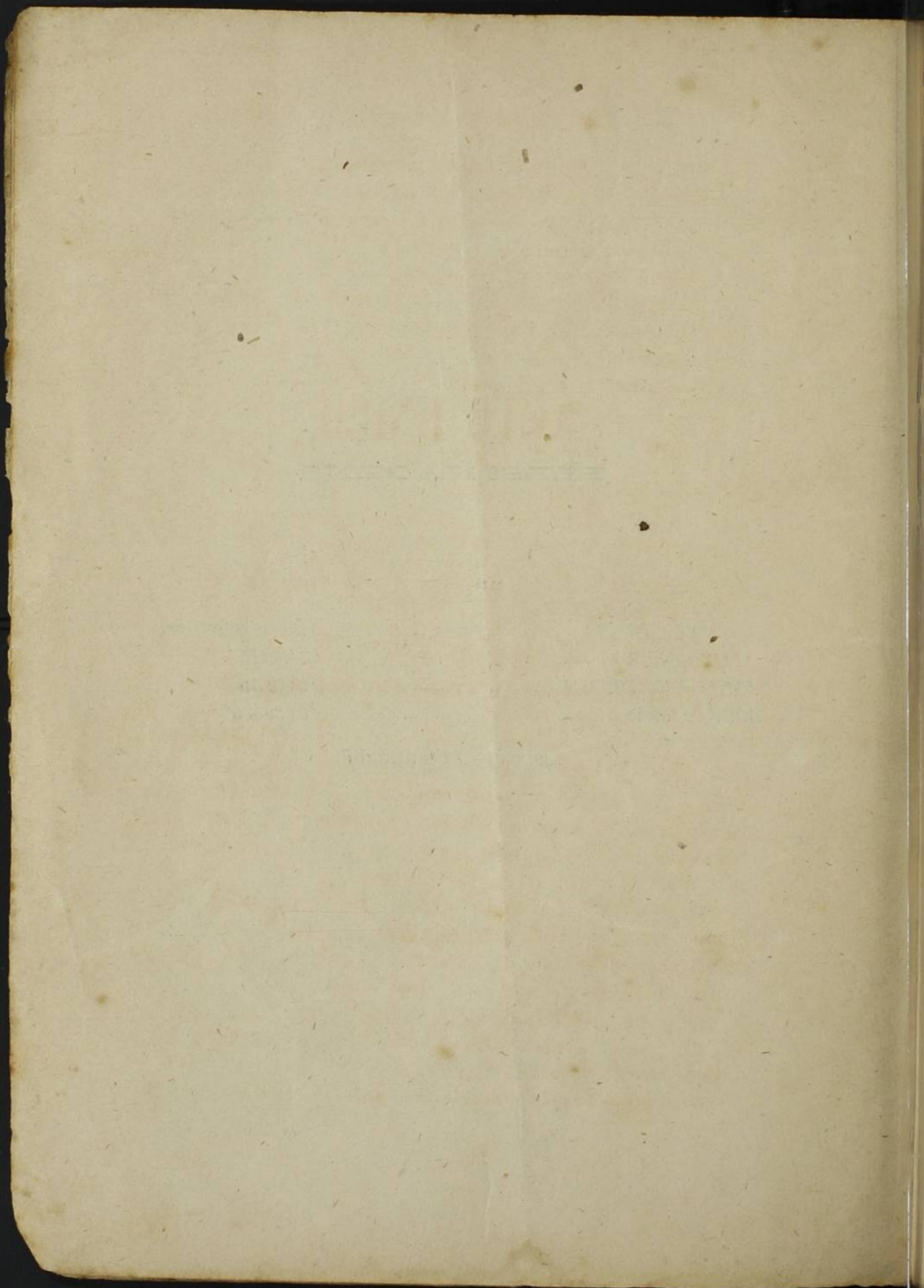




PERSONAGENS

A VISCONDESSA.....	Maria das Deras
O VISCONDE.....	C. Polla
JOHN ANDERSON.....	Taborda
JOSÉ, creado.....	Farrusca

Lisboa — Actualidade



ACTO UNICO

O theatro representa uma sala ricamente mobilada,
com portas lateraes e ao fundo,
fogaõ, mezas com utensilios para escrever, etc.

SCENA I

O visconde, a viscondessa e José

(Ao subir do panno, o visconde e a viscondessa estão assentados junto d'uma meza na extremidade direita da scena. José entra trazendo uma bandeja com duas chavenas de café, assucareiro, etc. Serve primeiro a viscondessa, depois o visconde, e em seguida sae. É noite.)

VISCONDESSA. Pois não é natural que me admire?...

VISCONDE. Não sei porque, na verdade...

VISCONDESSA. São tão raros os minutos que passas junto de mim...

VISCONDE. Raros, decerto, para quem, como eu, desejára passar a teu lado a vida inteira; mas tu bem sabes, minha querida Laura...

VISCONDESSA *(interrompendo)*. Sei... sei que essa ven-

tura durou apenas alguns dias, depois do nosso casamento, e que seria rematada loucura esperar que durasse muito mais; mas entre esse idyllio que tão breve passou, e a indiferença de hoje, não poderia haver um meio termo?

VISCONDE. Indiferença!... És injusta, Laura. Injusta e cruel. Pois tu não sabes que te amo, que te adoro mais e mais cada dia, á medida que vou conhecendo os preciosos thesouros de bondade e virtude que a tua alma encerra!?

VISCONDESSA (*pegando-lhe na mão*). Isso é verdade?

VISCONDE. E ainda m'o perguntas!?

VISCONDESSA. Porque é, então, que, longe de procurares todas as occasiões, de aproveitares todos os ensejos que se te offerecem d'estares junto de mim alguns instantes, mais pareces que os receias e evitas, como se foram horas de penoso enfado?!

VISCONDE. Porque... os negocios... a politica.... sobretudo a politica! labyrintho em que é raro encontrar o fio de Ariadna, e que nos sequestra ao mundo, á familia, á doce e suave tranquillidade do lar!...

VISCONDESSA. Olha, Jerge, queres que te diga o que penso?... que te abra a minha alma?

VISCONDE (*á parte*). Mau! (*alto*.) Decerto! (*toca uma campainha*.) Vejamos se consigo pôr assim ponto á conversa.

VISCONDESSA. O que eu receio não são os negocios, nem a politica.

SCENA II

Os mesmos e José

JOSÉ (*ao fundo*). Vv. ex.^{as} chamaram?

VISCONDE (*indicando a bandeja*). Podes levar. (*José pega na bandeja e nas chavenas, e vae para sahir*.)

JOSÉ. Vv. ex.^{as} querem que accenda o fogão?

VISCONDE. Se a sr.^a viscondessa o ordena...

VISCONDESSA. Que accenda, sim. Esta sala é tão fria...
(*José accende o fogão.*)

VISCONDE (*para José*). A carruagem está posta?

JOSÉ. Eu vou saber, sr. visconde.

VISCONDE. Logo que o esteja, avisa-me.

VISCONDESSA (*como acima, para José*). Está bom Não é preciso mais nada. (*José sae.*)

SCENA III

o visconde e a viscondessa

VISCONDESSA. Mas... como te ia dizendo...

VISCONDE (*á parte*). Já vejo que me não serviu de nada o ardil.

VISCONDESSA (*continuando*). O que eu receio não são os negocios, nem a politica; mas sim alguma Ariadna em cujo fio te deixasses prender e enredar, porque as Ariadnas de hoje, não tendo labyrinthos que abric, empregam o fio em urdir teias mais perigosas e damulinhas mil vezes do que o famigerado labyrintho de Creta.

VISCONDE. Estás gracejando, decerto...

VISCONDESSA. Não estou. Sei o que vae pelo mundo, e melhor fôra que o não soubera.

VISCONDE. O que queres dizer?...

VISCONDESSA. Quero dizer que não ha um unico homem que se contente com o amor de sua mulher, puro, sincero e desinteressado; que dê aos santos affectos da familia todo o seu coração, que procure na vida intima do lar o balsamo que devêra suavisar-lhe as amarguras da vida!

VISCONDE. Que exaggeração!

VISCONDESSA (*continuando*). Os homens são assim: só querem, só desejam, só aspiram ao que não teem!

VISCONDE. Mas a que posso eu aspirar?

VISCONDESSA. Eu sei lá!...

VISCONDE (*continuando*). Eu que te possuo a ti, anjo de bondade e formosura?

VISCONDESSA (*com malicia*). Anjo, sei eu que não sou: formosa... talvez, e n'esta vaidadesinha boa prova dou de que sou bem mais mulher do que anjo; mas para ti, meu caro Jorge, mulher ou anjo, formosa ou não, tenho um grande, um grandissimo defeito!

VISCONDE. Qual?

VISCONDESSA (*como acima*). Sou... tua mulher!

VISCONDE (*á parte*). Desconfiará ella? (*alto*.) Mas não me dirás o que pode suscitar no teu animo tão injustas suspeitas?

VISCONDESSA. A convicção profunda que tenho de que vós os homens sois todos, n'este ponto, perfeitamente eguaes no pensar e no sentir. E depois... a tua frieza para comigo... as longas noites de inverno passadas até deshoras longe de mim... Deus sabe onde...

VISCONDE. Onde?... Ora essa!... No Centro! tu bem vês que...

VISCONDESSA. No centro! mas no centro de que? ahí está o que eu queria saber!

VISCONDE. A politica, como já te disse...

VISCONDESSA (*interrompendo*). O tal labyrintho de Creta, bem sei!... (*pausa*.) Vê tu que differença dos nossos primeiros dias de casados!?... Então todo o tempo era pouco para estares junto de mim; agora todo te parece demasiado. Lembras-te do ajuste que tínhamos feito?

VISCONDE. De t'ensinar o francez?

VISCONDESSA (*á parte*). Como se eu o não soubesse! (*alto*) E de aprenderes comigo o inglez?

VISCONDE (*consultando o relógio*). Se me lembro!

VISCONDESSA. E no fim de contas, já lá vão seis meses, e nem uma lição sequer.

VISCONDE (*interrompendo*). Bem sabes que a politica...

VISCONDESSA (*idem*). E o Centro, bem sei.

VISCONDE. Mas porque o não aprendeste tu no collegio?

VISCONDESSA. Creio que já t'o disse uma vez: porque a minha educação foi dirigida por meu padrinho que é inglez, e que detesta tudo que lhe cheira a francezismo.

VISCONDE. Tenho o maior desejo de conhecer o teu padrinho que, a julgar pelo que me tens dito, deve de ser um original)

VISCONDESSA. E tu porque não aprendeste o inglez?

VISCONDE. Porque sempre fui um refinado mandrião.

VISCONDESSA. E quem me dera que o continuasses a ser... (*com intenção*) para a politica.

SCENA IV

Os mesmos e José

VISCONDESSA (*para José mal o vê apparecer ao fundo*). O que temos?

JOSÉ. Venho prevenir o senhor visconde de que a caruagem está prompta.

VISCONDE. Bem. Que me espere no pateo do lado do jardim. (*José cumprimenta e sae.*)

SCENA V

O visconde e a viscondessa

(*O visconde tira do 'bolso uma charuteira, e accende um charuto; ao tiral-a, porém, deixa cahir uma carta no chão sem dar por isso.*)

VISCONDESSA. Então... sempre sães?...

VISCONDE (*acabando de accender o charuto*). Sáio. Vou tratar d'um negocio...

VISCONDESSA (*reparando na carta, apanha-a*). Ah!... esta carta... cahiu-te, provavelmente do bolso?

VISCONDE (*á parte*). Oh! co'a breca! (*alto*.) Cahiu... é verdade... É... é uma carta sem importancia...

VISCONDESSA (*virando e revirando a carta entre as mãos, sem despregar os olhos d'ella*). As dimensões do sobrescripto são verdadeiramente elegantes...

VISCONDE (*enleiado*). Hum!...- nem por isso... (*estende a mão para receber a carta*.)

VISCONDESSA (*cheirando-a*). E que bem perfumada!.. Que aroma tão delicado!

VISCONDE (*sempre com a mão estendida para receber a carta*). Se já acabaste de cheirar, dá-a cá?

VISCONDESSA. E se eu te pedisse para a lêr?... Estou com uma curiosidade...

VISCONDE. Que tolice!... Temos novas suspeitas?

VISCONDESSA (*com dissimulação*). Qual?!... E' simples curiosidade!... bem sabes que sou mulher...

VISCONDE (*comsigo*). Não ha perigo... como não sabe francez... (*alto*.) Pois se tens n'isso grande empenho... lê, e verás que empregaste mal a tua curiosidade.

VISCONDESSA (*abre a carta, percorre-a rapidamente com a vista, e sem levantar d'ella os olhos, diz á parte*). Ah! tonante! Bem certa estava eu de que m'enganasvas!... (*alto, dissimulando a sensação que experimentou, e com pesar*.) Que pena!... E' em francez! o que para mim equivale a grego!

VISCONDE (*com hypocrisia*). E' verdade! nem de tal me lembrava!

VISCONDESSA. Não importa; traduzem'a tu. (*com intenção*.) Faze de conta que é a primeira lição que me dás...

VISCONDE. Com mil vontades! (*pegando na carta, e á parte.*) Safa!... Olha se ella soubesse francez!

VISCONDESSA Então?... não vês que estou impaciente?

VISCONDE. Prompto. (*lendo.*) «Je suis seule ce soir.» (*traduzindo.*) Isto quer dizer em portuguez: Estou farto de suar.

VISCONDESSA. Em Dezembro?!

VISCONDE (*á parte.*) Mau que lá disse asneira! (*alto.*) E'... é que o pobre rapaz apanhou uma terrivel constipação, e o medico obrigou-o a tomar um suadouro. (*á parte.*) A suar estou eu!

VISCONDESSA. Ah!...

VISCONDE (*continuando a lér.*) «Viens à neuf heures précises.» (*declamando.*) quer dizer: Preciso fallar-te hoje ás nove horas. (*lendo.*) «Je sais bien que c'est très mal de ma part.» (*traduzindo.*) O Julião não quer vender senão um par, (*para a viscondessa, como que explicando-lhe o sentido da phrase.*) isto é, uma parelha. São uns cavallos que eu lhe quero comprar...

VISCONDESSA (*á parte.*) Perfido!

VISCONDE (*lendo.*) «Mais que faire?» (*traduzindo.*) Elle está como uma fera! (*para a viscondessa, explicando.*) ou como um bicho, o que é o mesmo.

VISCONDESSA (*á parte.*) Como uma bicha estou eu!

VISCONDE (*lendo.*) «Si ji t'aime! oh! si ji t'aime!» (*traduzindo.*) Mas elle teme, oh! se teme! (*lendo.*) «Et si tu ne venais pas.» (*traduzindo.*) Que tu voltes com a palavra atraz. (*lendo.*) «Oh! non! c'est impossible!» (*traduzindo.*) Apesar d'eu lhe dizer que é impossivel.

VISCONDESSA. Decerto! Pois tu havias de voltar com a tua palavra atraz?!... (*pausa.*) E o resto?

VISCONDE (*lendo.*) «Je serai à la fenêtre; je t'y attendrai.» (*traduzindo.*) Continuo a morar na calçada de Santo André!

VISCONDESSA. Tão longe!

VISCONDE (*lendo*). «Reçois, mon chéri, un tendre baiser.» (*declamando*) Isto agora não tem traducção. E' como se se dissesse em portuguez: Sou com a mais profunda veneração e respeito, etc.

VISCONDESSA. Ah! em francez a formula é essa?

VISCONDE. E'.

VISCONDESSA. E o nome do teu amigo?

VISCONDE Assignado: Pauline Moreau, isto é, Paulino Moreau.

VISCONDESSA (*á parte*) Não ha maior descaro!... Deixa estar que eu me vingarei!

VISCONDE. Então, estás satisfeita? estás descansada?

VISCONDESSA. Satisfeita, e descansadissima!... Tu és tão bom para mim!... Agora é que eu conheço quanto tu vales!... Oh! tu és o melhor dos maridos! a unica excepção entre todos os homens!

VISCONDE. Ora ainda bem que o reconheces! (*á parte*) E' uma pomba, coitadinha! qualquer creança a engana! (*alto, para a viscondessa*.) E agora permite-me que vá mudar de fato, que são horas de ir ter com o meo amigo...

VISCONDESSA. Váe. váe... e se o não encontrares melhor, aconselha-o a que tome outro suadouro... que não ha melhor remedio para curar as tuas constipações...

VISCONDE (*apertando-lhe a mão*). Até já.

SCENA VI

A viscondessa (só)

Aqui está o que todos são:... Falsos, embusteiros, mentirosos!... Oh! mas o senhor meu marido é de respeito!... E tentei eu, nos primeiros dias do nosso casamento, prendel o junto a mim com as lições de fran-

cez, sob o falso pretexto de que o não aprendera!... Que ingenuidade a minha!... (em tom de ameaça e voltada para a porta por onde o visconde sahira.) Ah! mas não tem duvida! Eu te prometto que a desforra ha-de cûstar-te um susto! Vamos: uma carta em inglez... e a lettra disfarçada como eu sei... (dirige-se para uma meza em que ha o necessario para escrever, e assenta-se.) Talvez que esta vingançasinha lhe sirva de lição. (escrevendo e repetindo as primeiras palavras em inglez e depois em portuguez as palavras que escreve.) «I know that your husband... Sei que seu marido tem esta noite um «rendez-vous.» Espero, portanto, que V. Ex.^a me dará a suprema felicidade de passar alguns momentos a seu lado. Amo-a de toda a minha alma, etc. J. Wilson.» (declamando) Agora pode vir quando quizer. Ah! tu julgavas que sahirias impune do teu embuste e da tua galante aventura?... (outro tom.) Sinto passos!... E' elle. (desdobra a carta e lê para si, ficando como que toda absorta na leitura)

SCENA VII

A viscondessa e o visconde

VISCONDE (depois de descer até junto da viscondessa). Até logo, minha querida Laura...

VISCONDESSA (occultando a carta, mas de modo que o visconde veja, e simulando perturbação). Ah!... que medo que me fizeste!...

VISCONDE. Não foi por querer... mas o que era que te prendia tanto a attenção?

VISCONDESSA (como acima). Nada... não era nada!

VISCONDE. Tu tinhas uma carta na mão?

VISCONDESSA (como acima). Uma carta?...

VISCONDE. Não o negues, que eu bem vi...

VISCONDESSA (*como acima*). E' verdade.... sim.... era uma carta... mas o que tem isso d'extraordinario?... E'... é uma carta sem importancia...

VISCONDE. Dá-ma. Quero vê-la.

VISCONDESSA (*como acima*). Ahi a tens.

VISCONDE (*pegando na carta, e devorando-a com o olhar*). Isto é inglez, e tu bem sabes que eu não entendo similhante lingua!

VISCONDESSA. Mas, se queres, eu t'a traduzo. Dá-a cá. (*pegando na carta, e com intenção.*) Será tambem a primeira lição que eu te dê.

VISCONDE. Então?

VISCONDESSA. Ouve. (*lendo.*) «I know that your husband.» (*traduzindo.*) Escrevo-te da outra banda (*lendo.*) «Has a rendez-vous to night.» (*traduzindo.*) E tenho muitas saudades tuas. (*lendo.*) «I hope, therefore, you will make me so.» (*traduzindo.*) Estou farta d'estar só. (*lendo.*) «happy as I can be enjoying.» (*traduzindo.*) Vou breve fazer-te um visita (*lendo.*) «a few moments with you.» (*traduzindo.*) e levar-te um peru.

VISCONDE. Um peru?!

VISCONDESSA. Então? O Natal está á porta! (*lendo.*) «I love you with all my soul!» (*declamando.*) Isto agora não tem traducção; é como se se dissesse em portuguez: sou com a mais profunda veneração e respeito, etc., assignada Joanna Wilson, uma das minhas maiores amigas, e companheira no collegio. Estás satisfeito?

VISCONDE (*com desconfiança*). Estou. (*comsigo.*) E quem me diz a mim que a traducção é tão fiel como a de ha pouco?

VISCONDESSA. Aposto que tambem suspeitaste?...

VISCONDE. Eu?!... Ora essa!... Nem por sombras!... (*outro tom.*) Dás-me essa carta?

VISCONDESSA. Para que a queres?

VISCONDE (*enleiado.*) Para... para estudo. Agora estou deveras resolvido a aprender inglez.

VISCONDESSA. Ah! a tens. (*áparte.*) E' justamente o que eu quero.

VISCONDE (*áparte.*) Vou já pedir a meu irmão que m'a traduza, e n'estas alturas, que diabo leve a franceza! (*alto.*) Até logo, minha querida Laura. (*aperta-lhe a mão.*)

VISCONDESSA. Até logo meu querido Jorge.

VISCONDE (*áparte.*) Quanto dava eu agora para saber inglez! (*sáe.*)

SCENA VIII

A viscondessa (*só voltada para a porta por onde o visconde tem sahido, solta uma gargalhada*)

Ah! ah! ah!... Do susto já ninguém te livra, porque eu bem conheci que acreditaste tanto na minha traducção, como eu na tua!... E o caso é que matei d'uma cajada dois coelhos, porque ia apostar que mademoiselle Pauline, essa nova Julieta, esperará debalde esta noite, debruçada do peitoril do balcão, o seu digno Romeu!... Ah! ah! ah!... Como os homens são!... Riem-se de nós, pobres mulheres, proclamam e celebram os seus direitos e a sua força, applaudem-se pela sua superioridade, e não se lembram que nós, escravas dos seus direitos, fracas ante a sua força, pequenas em presença da sua superioridade, também nos sabemos rir, e também nos sabemos vingar!...

SCENA IX

A viscondessa e José

JOSÉ (*ao fundo.*) Está lá fóra um sujeito que pede para falar a v. ex.^a

VISCONDESSA (*sem se voltar.*) Não te disse o meu nome?

JOSÉ (*apresentando á viscondessa um bilhete de visita n'uma salva.*) Deu-me este bilhete de visita.

VISCONDESSA (*pegando no bilhete e lendo.*) «John Anderson!» O meu padrinho em Lisboa!?... (*para José*) Manda entrar para aqui. (*José cumprimenta e sae.*) Que agradável surpresa!... Bem longe estava eu agora de esperar visita que tanto prazer me dêsse!

SCENA X

A viscondessa. **John** (*em trajo rigoroso de casaca e gravata branca, e paletot no braço, precedido de José, o qual se retira logo, depois de receber o paletot e o chapéu que John lhe entrega.*).

VISCONDESSA (*indo ao encontro de John.*) Oh! my dear godfather!

JOHN (*com muita expansão.*) Oh! my beautiful god-daughter! (*abraçando-a*) I have the most great pleasure... Oh! no! no! mi gostar mucho melhor de portuguese que de english!... Mi não querer parlar outra lingua sinó portuguese!

VISCONDESSA. Não morreu, portanto, a predilecção que tinha por tudo que é portuguez?

JOHN Oh! no! yes! mi gostar mucho de Portugal!

VISCONDESSA. Mas não me dirá a que devo tão agradável quanto inesperada visita?

JOHN. Oh! mi gostar fazer tudo inesperada! tudo inesperada! tudo! yes!

VISCONDESSA. Tinha saudades da sua afillhada?

JOHN. Oh! si! yes! muchas saudades de minha filharada!

VISCONDESSA. (*corrigindo*) Da sua a-fi-lha-da!

JOHN. Yes! de minha filharada, e de laranja da China! Oh! yes!...

VISCONDESSA. O padrinho está na mesma; se faz diferença é para melhor. Parece até mais novo...

JOHN. Oh! yes!... E tu estar más grande, más larga, e más comprida! Oh! tu estar mucho grande!

VISCONDESSA. Acha-me mais gorda e mais alta?

JOHN. Yes! yes! very mucho!

VISCONDESSA. Meu marido terá decerto grande satisfação em receber a visita do meu querido padrinho, porque tem o maior desejo de o conhecer...

JOHN. Oh! mi no gostar de maridas!... Oh! maridas no prestar!... maridas ser grande rascal! How is rascal in portuguese?

VISCONDESSA. Patifes...

JOHN. Oh! yes? maridas ser grandes patifas!

VISCONDESSA. O meu, porém, é a excepção, é o melhor dos maridos...

JOHN. Oh! no!... mi no gostar de maridas!...

VISCONDESSA. Mas não me disse ainda quando chegou, nem que tempo se demora em Lisboa.

JOHN. Mi chegar in packet desta manhana: só ter tempo entrar hotel, limpar cara, tomar casaque e venir ver mi filharada!

VISCONDESSA. (*corrigindo*). A sua a-fi-lha-da!

JOHN. Yes! mi filharada! yes!

VISCONDESSA. E quantos dias se demora em Lisboa?

JOHN. Oh! yes! todos dias precisos para ver mi filharada, beber laranja da China, e comer port-wine.

VISCONDESSA. Veiu então unicamente para matar saudades?

JOHN. Yes!... matar saudades, e dar a kiss... How is kiss in portuguese?

VISCONDESSA. Beijo.

JOHN. Yes! dar beijo mi filharada! (*abraça-a e beija-a na testa*) Ah! Oh! very good!

SCENA XI

Os mesmos e o visconde

VISCONDE (*entrando precipitadamente pelo fundo, pára de subito ao deparar com John abraçando e beijando a viscondessa*). Não tem que ver!... Aqui está a tradução fiel da carta!

JOHN. (*com fleugma para a viscondessa*) Who is this gentleman?

VISCONDESSA. (*baixo a John*). Quem é? (*áparte*) Feliz acaso para completar a minha desforra! (*alto para John*) I dont know...

VISCONDE. (*áparte*). E' tenor? Que diabo estarão elles dizendo (*alto para John*) Quem é o senhor? (*com insolência*) O que faz aqui?

JOHN (*com fleugma*). Mi fazer que vocemecê nó importar!

VISCONDE. Essa não é má!

JOHN. Oh! yes! nó ser má, ser boa! very much boa! yes!...

VISCONDE (*furioso*) Mas com que direito ousou o sr. entrar n'esta casa?

JOHN. Mi ser godfather d'esta senhor. Mi ter direita entrar aqui, toda vez e hora quizer!

VISCONDE. O que?!

JOHN (*com fleugma*). Yes!

VISCONDE. E' inandito!... (*para a viscondessa*) E a senhora?... a senhora não sente subir-lhes ás faces a vergonha?...

JOHN (*como acima*). Oh! nó! senhora, no ter vergonha!

VISCONDE. Basta, senhor!

JOHN. Vocemecê fazer mucha gritaria!... (*encami-*

nhando-se para a meza onde está uma campainha) Mi chamar criada e pôr vocemecê in meio de rua!

VISCONDE. Põe-me na rua?!... Não faltava mais nada!... Oh! isto é demais!...

JOHN. Nó! nó ser demais, nó!...

VISCONDE. Mas eu já lhe disse que exijo uma explicação...

JOHN. Mi nó querer dar explicação!

VISCONDE. Eu, porem, exijo terminantemente...

JOHN. Nó!...

VISCONDE. O senhor é um patife!

JOHN. Nó!...

VISCONDE. E' um infame!

JOHN (*levantando mais a voz*). Nó!...

VISCONDE. E' um villão!

JOHN (*levantando cada vez mais a voz*) Nó! nó! nó! (*fica de punhos cerrados e com o gesto do socco inglez, olhando fixamente para o visconde*).

VISCONDE (*fôra de si*). Covarde!... Sâia, senhor! sâia!... quando não... (*ameaça-o com o gesto, como que para lhe dar uma bofetada*).

JOHN. Ah! vocemecê querer bater mi?! vocemecê insultar mi?! Vocemecê dar uma satisfação!

VISCONDE. Um duello?... Oh! finalmente!...

JOHN. Yes! um duello de morrer!... Mi vae hotel buscar pistoles...

VISCONDE. Estoa às suas ordens!

JOHN. E mi vir já matar vocemecê! (*sae precipitadamente*).

VISCONDE. Veremos.

SCENA XII

o visconde e a viscondessa

VISCONDE (*depois de longa pausa durante a qual olha*

com desprezo para a viscondessa). E a senhora não encontra sequer uma palavra com que tente justificar-se!?. . .

VISCONDESSA. Justificar-me?!

VISCONDE. Ah! eu bem sei que a justificação é impossível! . . . mas é forçoso que tenha perdido de todo a dignidade de mulher e de esposa, para que assim aviltada, coberta de opprobrio e de ignominia, ouse ainda erguer a cabeça, sem que o remorso a prostre a meus pés, e o arrependimento lhe inunde de lagrimas os olhos! . . .

VISCONDESSA. E com que direito se atreve o senhor a accusar-me?!

VISCONDE. Pois ainda o pergunta?!

VISCONDESSA. Ah! o senhor julgava que me havia de enganar a cada hora, a cada momento, e que eu havia de acreditar cegamente nas suas palavras?! . . . que podia atraiçoar-me, dando-me em hypocrisia o que não sabia retribuir-me em amor, e que eu não havia de vingar-me?! . . . Enganou-se.

VISCONDE. O que quer dizer?

VISCONDESSA. Se entre marido e mulher são iguaes os direitos, é necessario que os deveres tambem sejam iguaes!

VISCONDE. Mas . . .

VISCONDESSA (*continuando*) A mulher não é escrava, é esposa! . . . O homem não é senhor é arrimo e guia! . . . Mas para que o seja, é mister que se não esqueça de que a ambos liga o mesmo juramento, de que a ambos prendem os mesmos laços!

VISCONDE. Juramento que a senhora quebrou torpemente! laços que despedaçou e calçou aos pés conjuntamente com a sua, e com a minha honra!

VISCONDESSA. Era talvez essa a punição condigna do seu crime, mas para lh'a inflingir seria mister descer

até à villania, e eu sei a quanto me obriga o dever, e o respeito de mim propria!

VISCONDE. O meu crime?!... mas que crime é esse a que se refere?

VISCONDESSA. Quer que lhe traduza a carta de mademoiselle Pauline?... (*movimento do visconde*) Saiba que antes de aprender o inglez, aprendi o francez, e que se n'este ponto o enganei, foi porque tive a louca vaidade de acreditar que, com o pretexto das licções, conseguiria tel-o junto de mim mais algumas horas.

VISCONDE. Mas por mais digno de censura que o meu procedimento seja, ainda assim, a senhora jámais poderá n'elle encontrar desculpa ou attenuante para quanto acaba de se passar. (*tirando uma carta do bolso*) Esta carta...

VISCONDESSA. Essa carta foi escripta por mim com letra disfarçada para me desferrar d'aquella celebre traducção...

VISCONDE. Então o homem que vim aqui encontrar... aquelle inglez...

VISCONDESSA. Aquelle inglez é... Mr. John Anderson, meu padrinho, chegado esta manhã de Londres, e que vem passar alguns dias em nossa companhia.

VISCONDE (*com expansão de alegria*). Oh! Laura! minha querida Laura! Deus te pague o bem que me fizeste com essas palavras!...

VISCONDESSA (*travando-lhe do braço e olhando para o relógio*). E agora que a lição está dada e são nove horas, vá! (*indicando-lhe a porta*) Mademoiselle Pauline espera-o, e não é bonito fazer esperar uma... franceza!

VISCONDE. Que diabo leve a franceza, á sua carta, e... tambem a tua, apesar de ser em inglez! (*rasga as duas cartas e lança-as no fogão*). E tu minha querida Laura, perdoa-me!

VISCONDESSA (*depois de breve pausa*). Se te submettes á condição que te quero impôr...

VISCONDE. Qual?

VISCONDESSA. Promettes não receber mais cartas d'aquellas, nem mesmo em portuguez?

VISCONDE. Juro! (*beija-lhe a mão*).

SCENA ULTIMA

Os mesmos e John

JOHN (*com um estojo de pistollas debaixo do braço*). All right!... Mi trazer aqui pistoles para matar voce-mecê!

VISCONDE (*indo-lhe ao encontro com verdadeira alegria e abraçando-o repetidas vezes*). Oh! meu querido sr. Anderson!... só depois que saiu d'aqui é que tive a satisfação de sabes quem era, e...

JOHN (*que durante toda a fallá precedente tem forçado por se desembaraçar do visconde*). Oh! mi nó querer festas!... mi só querer matar voce-mecê!

VISCONDESSA (*para John*). E' meu marido que eu tenho a satisfação de lhe apresentar...

JOHN. Teu marida?!

VISCONDESSA. E seu amigo, apesar de só agora o conhecer.

JOHN. Oh! mi ter mucha embirração a maridas!

VISCONDE. O que ha pouco se passou foi um qui-pro-quo...

JOHN. Nó, pri-có-có, nó!... Vocemecê chamar mi patifa, infame, villação!

VISCONDESSA. Mas, meu querido padrinho...

JOHN. Nó! Mi querer uma satisfação!

VISCONDE. Mas, meu caro, sr. Anderson, eu dou-lhe quantas satisfações quizer...

JOHN. Nó! mi querer matar vocemecê!

VISCONDE. Pois senhores, não ha meio de o fazer desistir do seu damnado intento!

JOHN. Nó! yes, nó!

VISCONDESSA. (*para o visconde, risonha*). Hade haver... procura... procura, e se não achares...

JOHN. Vocemecê chamar mi patifa! infame! villacão;

VISCONDE (*como que encontrando uma idéa*). Ah!... achei!... (*para a viscondessa*) Dize lhe tu que isto de infame, patife, villão, é como se se dissesse: sou com a mais profunda veneração e respeito de v. ex.^a e tal, etc.

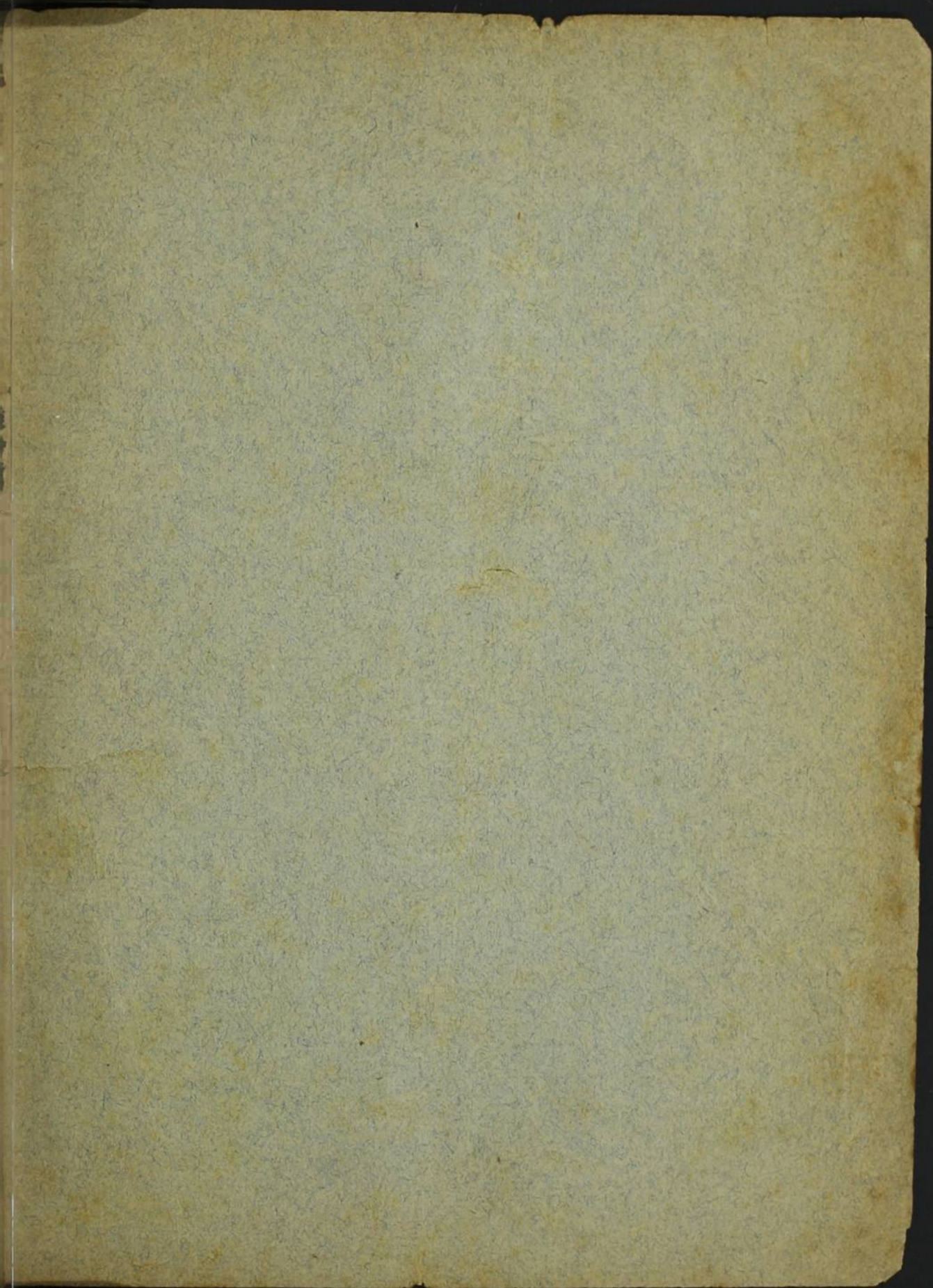
VISCONDESSA (*para John*). Meu marido diz que isto de infame, patife e villão, é o mesmo que se se dissesse: sou com a mais profunda estima e consideração seu amigo venerador etc.

JOHN. O que? infame, villacão ser a mesma coisa que amigo e...?

VISCONDE (*interrompendo*). Decerto!

JOHN. Oh! yes! então estarmos nós todos tres grandes patifas e villacões, yes! (*apertando-lhes as mãos*) Very well!

16136



OBRA EDITADAS

PELA CASA DE

TAVARES CARDOSO & IRMÃO

5, Largo de Camões, 6

O demonio do ouro , por Camillo Castello Branco, romance em 2 vol. com gravuras originaes	17000
O regicida , por Camillo Castello Branco, romance historico, 1 volume	500
A filha do regicida , por Camillo Castello Branco, romance historico, 1 volume	500
A Caveira da Martyr , por Camillo Castello Branco, romance historico, 1.º vol. (publicado)	500
Historia do Padre Malagrida , ver-tida e prefaciada por Camillo Castello Branco, 1 vol.	500
Cantares , versos por Alberto Pimentel 1 vol.	500
O terremoto de Lisboa , por Pinheiro Chagas 1 volume	500

Os medicos.—comedia em 3 actos imitação de Aristi-des Abranches—200 rs.

A Espadellada,—comedia em 1 acto, por Costa Li-ma—100 rs.

Deus os fez... Deus os juntou,—farça em 1 acto, por Alfredo de Mello—100 rs.

Othello tocador de realejo—comedia em 1 acto, por Costa Lima—100 rs.

O mestre Jeronymo—comedia em 2 actos, por Aris-tides Abranches e Rangel de Lima—160 rs.

Junto com minha mãe.—comedia em 1 acto, tra-dução de Pinheiro Chagas - 100 rs.

Um fura vidas—comedia em 1 acto, imitação de Ma-ximiliano de Azevedo—100 rs.

Por força!—comedia em 1 acto, por Maximiliano d'Aze-vedo—100 rs.

Inglez e Franceez—comedia em 1 acto, por A. de Sousa e Vasconcellos—100 rs.

A corda d'um enforcado,—comedia em 1 acto, versão de Mattos Moreira - 100 rs.

Guerra aos pares—comedia em 1 acto, por Mattos Moreira—100 rs.

Guerra aos nunes—comedia em 1 acto, por Mattos Moreira—100 rs.